

*Princípios cristãos
na educação
artística e cultural
e a realidade do
século XXI*

Ítalo Francisco Curcio

Associação Brasileira de Instituições Educacionais Evangélicas (Abiee),
São Paulo, SP, Brasil.

E-mail: italofrancisco.curcio@gmail.com

RESUMO

As artes em geral existem há milhares de anos e se desenvolveram de acordo com a cultura de cada povo ou nação. Desde as civilizações mais remotas, são muitas as obras consideradas arte por pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento. Com base nesses destaques, o presente trabalho descreve uma breve caminhada feita ao longo da história do cristianismo para fundamentar seu objetivo: mostrar, a partir de uma pesquisa bibliográfica, exploratória, descritiva e explicativa, a influência dos princípios e valores cristãos na educação artística e cultural, no decorrer do tempo, e alguns conflitos associados a essa influência no passado e especificamente os de natureza ética enfrentados no século XXI.

PALAVRAS-CHAVE

Cultura. Arte. Educação.

INTRODUÇÃO

No estudo das ciências das religiões, diversos pesquisadores e estudiosos entendem o cristianismo como uma religião que sucede o judaísmo. Todavia, embora haja uma sequência histórica do judaísmo para o cristianismo, e mesmo havendo a comutação de alguns conceitos entre essas religiões, elas devem ser entendidas separadamente, sobretudo pelo fato de cada uma fundamentar cosmovisões específicas. De fato, embora possa parecer paradoxal, a cosmovisão cristã é diferente da cosmovisão judaica.

Segundo Shelley (2018), apesar da existência de algumas tradições afins, que ensejam a expressão “tradição judaico-cristã”, essas religiões, efetivamente, não são iguais entre si. Para reforçar essa afirmação, nas várias diferenças marcantes entre o judaísmo e o cristianismo, mencionam-se pelo menos três, que justificam de forma clara a impossibilidade de se ter a mesma cosmovisão: as Sagradas Escrituras consideradas distintamente; a Santíssima Trindade, como Deus dos cristãos; e a aceitação de Jesus Cristo como o Messias prometido pelo próprio Deus.

Para os judeus, as Sagradas Escrituras restringem-se ao conjunto de livros canônicos, que para os cristãos constituem seu chamado Antigo Testamento, por entenderem que, a partir do nascimento de Jesus, Deus firma uma nova aliança com a humanidade. Desse modo, as Sagradas Escrituras dos cristãos, além de conterem os livros do denominado Antigo Testamento, contêm também o conjunto de livros canônicos, denominado Novo Testamento, compondo-se assim a chamada Bíblia Sagrada. Destaca-se que, mesmo entre os cristãos, verificam-se algumas divergências sobre o número de livros que compõem essa Bíblia, em face da existência de distintas interpretações entre eles.

Para os cristãos reformados, originários da Reforma Protestante iniciada em 1517, são 66 livros, 39 do Antigo Testamento e 27 do Novo Testamento. Para os cristãos católicos romanos, são 73 livros, pois, enquanto o Novo Testamento possui o mesmo número de livros que a Bíblia dos cristãos reformados, ou seja, 27, o Antigo Testamento possui 46, portanto sete a mais, denominados deutero-canônicos. E, para os cristãos católicos ortodoxos, o Antigo Testamento possui mais cinco livros, além desta última, totalizando cerca de 78 livros.

Outra diferença marcante entre essas religiões é a não aceitação pelos judeus da Santíssima Trindade, como Deus, um Deus triúno, nas pessoas do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Tal negação deve-se a outra diferença marcante, que é o não reconhecimento de Jesus Cristo como o Messias prometido pelo próprio Deus, conforme registros nos livros proféticos de Isaías, Miqueias, Jeremias e Zacarias, referendados por João Batista, de acordo com a citação no Evangelho segundo João, e pelo próprio Jesus, na descrição do Evangelho de Lucas.

No dia seguinte, viu João a Jesus, que vinha para ele, e disse: Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo! É este a favor de quem eu disse: após mim vem um varão que tem a primazia, porque já existia antes de mim (João 1:29-30).

[Jesus] Indo para Nazaré, onde fora criado, entrou, num sábado, na sinagoga, segundo o seu costume, e levantou-se para ler. Então, lhe deram o livro do profeta Isaías, e, abrindo o livro, achou o lugar onde estava escrito: *O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me ungiu, para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar libertação aos cativos e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos e apregoar o ano aceitável do Senhor.*

Tendo fechado o livro, devolveu-o ao assistente e sentou-se; e todos na sinagoga tinham os olhos fitos nele. Então, passou Jesus a dizer-lhes: *Hoje, se cumpriu a Escritura que acabais de ouvir* (Lucas 4:16-21).

De fato, para os cristãos, o cristianismo se origina a partir do judaísmo, porém, para os judeus, que não aceitam Jesus Cristo como o Messias anunciado

nas profecias descritas em seu Livro Sagrado, essa sequência não é reconhecida. Por isso, ao se falar dessas duas religiões, deve-se ter o cuidado de distingui-las não só historicamente, sobretudo em relação aos judeus, mas principalmente pelas suas respectivas cosmovisões.

Nasch (2012, p. 47-48) menciona de forma objetiva o conceito elementar da cosmovisão cristã:

A cosmovisão cristã é teísta no sentido de acreditar na existência de um Deus pessoal e extremamente poderoso. O teísmo difere do politeísmo em sua afirmação de que existe um único Deus. [...] O teísmo cristão histórico também é trinitariano. A doutrina da Trindade reflete a convicção cristã que o Pai, o Filho e o Espírito Santo são três centros distintos de consciência partilhando plenamente de uma natureza divina e participando cada qual das atividades das demais pessoas da Trindade. Um corolário importante da doutrina é a convicção cristã que Jesus Cristo é plenamente Deus e plenamente homem.

Por conta disso, acaba sendo mais recorrente o referendo de certos princípios judaicos, por parte dos cristãos, que o contrário. Tanto algumas tradições mencionadas no Antigo Testamento quanto os mandamentos continuam a ser respeitados e seguidos pelos cristãos, além de se ter no cristianismo o entendimento de que muitas profecias anunciadas no Livro Sagrado dos judeus cumpriram-se com a vinda de Cristo ao mundo e também depois dela, como decorrência.

No Evangelho de Mateus (4:17-18) existe uma declaração de Jesus, na qual Ele mesmo afirma: “Não penseis que vim revogar a Lei ou os Profetas; não vim para revogar, vim para cumprir. Porque em verdade vos digo: até que o céu e a terra passem, nem um i ou um til jamais passará da Lei, até que tudo se cumpra”.

Embora se possa inferir que o cristianismo surgiu com o nascimento de Jesus, a Igreja, não só como instituição, mas como o Corpo de Cristo, conforme a interpretação aceita pelos próprios cristãos, tem seu início simbólico num momento, utilizado de referência, descrito no Livro de Atos dos Apóstolos (2:1-2), que também integra o Novo Testamento, portanto não aceito pelos judeus: “Ao cumprir-se o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar; de repente, veio do céu um som, como de um vento impetuoso, e encheu toda a casa onde estavam assentados”.

A partir desse acontecimento, muitas outras ocorrências ficaram marcadas com destaque na história do cristianismo, que se encontram registradas não só nesse livro, mas também nas denominadas epístolas ou cartas escritas pelos apóstolos Paulo, Tiago, Pedro, João e Judas, nos quatro Evangelhos e no Livro de Apocalipse.

Com base nas informações obtidas a partir desses registros e de outros descritos nessa parte da Bíblia Sagrada, constituiu-se a doutrina da religião cristã, professada nos dias atuais por cerca de 2,4 bilhões de pessoas, o que equivale a aproximadamente 31% da população mundial, segundo dados da World Population Review de 2022.

Depois desse acontecimento, descrito como referência do início do cristianismo, ocorrido em meados dos anos 30 d.C, houve um crescimento significativo dos seguidores dessa religião, a partir do Oriente Médio, seguindo-se para o norte e para o Ocidente, expandindo-se por toda a Europa Meridional. Mediante a aceitação do cristianismo pelo Império Romano, no início do século IV, durante a Alta Idade Média, o cristianismo cresceu rapidamente e passou a ser conhecido e seguido em praticamente toda a Europa, chegando no século X a uma quantidade de professos da ordem de 50 milhões, o equivalente a 20% da população mundial, estimada para a época, mesmo sofrendo certa retração, em face das invasões muçulmanas no sul do continente europeu, especialmente na Península Ibérica, a partir do início do século VIII.

Com o avanço do cristianismo, princípios e valores da população foram alterados e embasaram uma nova cosmovisão, bem diferente daquela existente antes, em relação aos judeus, gregos e romanos, como também os referentes a outras culturas, as quais, embora aos poucos reduzidas, ainda subsistiam e exerciam influência numa parcela significativa da população, especialmente no centro e norte da Europa. Nesse contexto, porém, a cosmovisão cristã passou a ser cada vez mais dominante nessa parte do planeta.

Esse conjunto de princípios e valores, base de uma nova cultura, acabou por envolver as artes, influenciando a literatura, a música, a pintura e a escultura. Com isso, passou a existir uma arte que pode ser denominada arte cristã.

Duby e Laclotte (2002) falam acerca da apropriação de ambientes de aprendizagem pela Igreja, depois da oficialização do cristianismo pelo Império Romano. Com a expansão na Europa, o cristianismo influenciou as artes, reduzindo algumas significações, como as esculturas, embora não as abolisse, mas diminuindo seu valor em relação à pintura. Na evangelização, por causa do alto índice de analfabetismo, a pintura passou a ser uma linguagem na comunicação entre a Igreja e o povo, possibilitando a interpretação e assimilação de mensagens bíblicas pelos fiéis.

De acordo com Duby e Laclotte (2002, p. 23-24):

Com efeito, o que subsistia de mais vivo da cultura romana – e da arte antiga – estava conservado no seio da Igreja Cristã, da Igreja Latina, esta que não enveredara pelos desvios heréticos e que venerava o bispo de Roma como o sucessor de São Pedro. No limiar do século IV,

quando por decisão do imperador Constantino deixou de ser uma seita clandestina, suspeita e ocasionalmente perseguida, e se tornou uma instituição oficial do Império, a Igreja se instalou de imediato numa posição dominante dentro das estruturas do poder estabelecido, criando a sua hierarquia como um decalque da hierarquia da administração imperial. Em cada cidade o bispo passou a assumir o essencial das responsabilidades cívicas, erguendo suas próprias armas, intelectuais e espirituais, face às dos guerreiros. Triunfante, a Igreja apropriou-se de toda a herança cultural da antiga Roma. Anexou a escola, que era o núcleo do sistema de educação organizado a fim de preparar a elite urbana para o uso da palavra pública.

A adequação das artes aos princípios e valores cristãos deu-se cada vez mais, incluindo a assimilação dos novos dogmas desenvolvidos pela Igreja, durante a Idade Média, alguns dos quais foram posteriormente contestados pelos chamados reformadores da Igreja, iniciando-se pelo monge agostiniano alemão Martinho Lutero (1483-1546).

O presente trabalho tem por objetivo mostrar, a partir de uma pesquisa bibliográfica, exploratória, descritiva e explicativa, a influência dos princípios e valores cristãos na educação artística e cultural, ao longo do tempo de existência do Cristianismo, e alguns conflitos ocorridos para se ter essa influência e as dificuldades enfrentadas na contemporaneidade do século XXI, no tocante à defesa da ética e da cosmovisão cristã, mediante as experiências vivenciadas no passado e, especialmente, nos dias atuais.

EDUCAÇÃO, ARTE E CULTURA

O vocábulo educação carrega um significado muito abrangente, e essa é uma das razões de ser utilizado pela sociedade em diferentes saberes, bem como nas diversas áreas do conhecimento, para externar o próprio conceito, associado às respectivas necessidades de momento, sem perder de vista seu conceito genérico. Por isso, fala-se em educação artística, educação religiosa, educação física etc. Educação é o substantivo associado ao verbo educar, de origem latina, *educare*, que significa especificamente “conduzir para fora”.

Com sua evolução, o verbo educar e, por consequência, o substantivo educação passaram a significar muito mais que essa descrição etimológica original. A educação passou a significar uma condução do ser humano para sua vida no mundo, nas mais diferentes atividades por ele desenvolvidas. A educação carrega hoje um significado ligado à plena formação do sujeito, desde seus primeiros instantes de vida até sua morte.

De acordo com a identidade de cada nação, outros vocábulos surgiram para serem utilizados como expressão de um conceito de educação ainda mais profundo e abrangente, que nem sempre podem ser traduzidos em outras línguas, como a palavra *Bildung*, da língua alemã.

Segundo Koselleck (2020), o conceito de educação evoluiu a ponto de se ter uma concepção que não se restringe mais no sentido de “dentro para fora”, como na etimologia da palavra, mas também de “fora para dentro”. Nesse sentido, a educação do ser humano, embora possa e deva continuar a ser empreendida pelas instituições seculares, como família, escola e igreja, em face da realidade social vivenciada nos dias atuais, ela também se dá de forma autônoma, a partir da interação do sujeito com o mundo.

Para explicar melhor essa ideia, Koselleck (2020) utiliza o vocábulo alemão *Bildung*, muitas vezes traduzido para o português como “treinamento”, porém, segundo o autor, o conceito a ele associado vai muito além de treinamento ou mesmo educação, no sentido lato utilizado hoje. De acordo com Koselleck (2020, p. 119):

Bildung é uma palavra específica alemã, o que torna extraordinariamente difícil a tarefa de encontrar equivalentes em outras línguas. Por isso, as línguas vizinhas fazem empréstimos literais ou recorrem a descrições prolixas para explicar o que seria *Bildung*. Quando as línguas inglesa e francesa traduzem *Bildung* como *education* [educação em português], enfatizam justamente aquele aspecto de formação profissional [*Ausbildung*]¹ que é negado no conceito de *Bildung* evocado no sentido de uma autoeducação. *Self-education* [autoeducação] permaneceu um termo artificial e se aproxima do sentido de autodidata. A palavra *self-formation* [autoformação], cunhada por Shaftesbury², que influenciou fortemente o conceito alemão de *Bildung* no século XVIII, talvez seja o termo que mais se aproxima do nosso significado.

Além dessa breve reflexão acerca do conceito de educação, considerada indispensável para o objetivo do presente trabalho, por se verificar a recorrente confusão feita entre os conceitos de educação e de ensino em diversos segmentos sociais, por parte de pessoas menos inteiradas do tema, necessita-se destacar também que esses dois vocábulos, de significados diferentes entre si, referem-se especificamente a conceitos distintos, mesmo sabendo-se que a educação, para ser plena, necessita do ensino.

1 *Ausbildung*: palavra alemã, traduzida por educação em português, embora algumas pessoas façam o mesmo com a palavra *Bildung*.

2 Shaftesbury: Anthony Ashley Cooper, o terceiro conde de Shaftesbury, foi um filósofo e escritor inglês, nascido em Londres, no ano de 1671, e falecido em Nápoles, na Itália, em 1713. Teve sólida formação filosófica e deixou um importante legado no campo da política, em nível filosófico, no âmbito da justiça.

Não obstante as ponderações feitas inicialmente acerca do conceito de educação e de sua evolução ao longo do tempo, sabe-se que uma das ações intimamente ligadas a ela é o processo ensino-aprendizagem, o qual é caracterizado por uma reciprocidade entre os dois atores nele envolvidos: o sujeito que ensina e o sujeito que aprende. Portanto, não existe ensino se não se verificou a aprendizagem, e é esta, por sua vez, quem promove a ampliação dos saberes, que tornam o ser humano cada vez mais educado, independentemente do juízo de valores feito acerca de sua educação. Desse modo, percebe-se claramente que educação e ensino são conceitos distintos.

Todavia, essa citação ainda não supre o conhecimento mínimo necessário para se conceber ensino com maior riqueza de detalhes, pois, para isso, deve-se novamente partir da etimologia do vocábulo utilizado e chegar ao conceito atual propriamente dito.

A palavra ensino, substantivo associado ao verbo ensinar, enseja o ato de utilizar signos, sinais, para se transmitir ou obter certo conhecimento. O verbo ensinar provém do baixo latim, utilizado na Idade Média, e refere-se ao ato de registrar e apontar marcas, dando noção de sentido na busca de algo. Com sua evolução, o verbo ensinar refere-se hoje ao registro de marcas e sinais deixados pelo sujeito que ensina ao sujeito que aprende, a fim de este último auferir certo conhecimento. Alicia Fernández (1991) identifica esses sujeitos, respectivamente, como “ensinantes” e “aprendentes”, por considerar que tais neologismos traduzem de forma mais rica os conceitos de professor e aluno, considerados por ela muito limitados para a compreensão efetiva do processo ensino-aprendizagem como importante recurso para a educação do ser humano.

Com base nesses conceitos, desenvolveu-se o presente trabalho, com sua associação ao campo da arte e da cultura, pautadas por princípios cristãos, de acordo com a realidade contemporânea no século XXI. Por ser um trabalho de natureza científica, fundamentado em conceitos inerentes ao tema, durante a pesquisa houve a necessidade de abordar os conceitos específicos nela destacados. Em razão de ensino e educação serem os conceitos fulcrais, foram discutidos anteriormente, todavia é necessário falar também sobre outros conceitos, como os de arte e cultura, e mencionar os princípios cristãos que alicerçam o trabalho todo.

Partindo-se do princípio de que a arte é um dos segmentos da cultura, deve-se pensar que seu significado etimológico pouco tem a ver com o conceito atual. Enquanto, etimologicamente, a palavra arte, originária do latim, remete ao conceito de habilidade ou técnica, no presente trabalho ela traduz um conceito bem mais abrangente e profundo, alinhado ao conceito contemporâneo do século XXI.

Sem perder de vista sua base etimológica, nos conceitos de habilidade e técnica, na discussão feita aqui, a arte está pautada na criatividade do ser humano

para expressar, por meio de seus sentidos, suas diferentes percepções acerca de seu universo, e, por isso, pode-se falar em arte visual, auditiva, tátil, olfativa e até gustativa.

Não obstante, a arte é um produto decorrente do uso de elementos concretos, como também abstratos, pois pode ser percebida e assimilada tanto a partir dos órgãos sensoriais como também pela imaginação.

Por meio do uso de materiais orgânicos e inorgânicos, de luzes e outros diferentes comprimentos de ondas eletromagnéticas, de sons ou de diferentes linguagens, pode-se ter um produto artístico. Teatro, cinema, pinturas, esculturas, efeitos luminosos, textos literários, música, entre outros, são produtos artísticos que expressam ideias, sensações, percepções e emoções. De forma geral, as artes refletem a história e a cultura de uma nação. Nesse sentido, as diferentes artes legadas por gerações passadas servem até como fontes de informações para estudiosos e pesquisadores de todas as áreas do saber, interessadas no conhecimento da identidade e do comportamento do ser humano ao longo do tempo.

Por fim, neste ponto, é importante falar sobre o conceito de cultura, outro componente básico no desenvolvimento do presente trabalho. Partindo-se mais uma vez da etimologia da palavra, “cultura” origina-se do latim, *culturae*, cujo significado remete ao ato de tratar ou dar atenção, e que com sua evolução associou-se ao significado de “cuidado”, outra palavra de origem latina, *cogitatus*, que traduz o ato de pensar ou refletir sobre algo, atuar sobre algo.

Por isso, a palavra cultura se aplica em vários contextos, a exemplo do cuidado de elementos da natureza, como a agricultura, piscicultura, avicultura, bovinocultura, caprinocultura etc., ou quanto à atenção a hábitos e costumes de uma sociedade, ou seja, à cultura social, à cultura de uma nação.

Como essa discussão diz respeito especificamente ao comportamento humano ou ainda, no contexto da cultura de sociedades, à cultura social, torna-se importante, neste momento, destacar que essa cultura social passou a ser um tema que interessou a alguns estudiosos desse comportamento. Assim, verifica-se o surgimento da antropologia, no início do século XIX, e no século XX, de um de seus ramos, conhecido como antropologia cultural, que pode ser entendida como a ciência pela qual alguns pesquisadores e outros interessados estudam os diferentes comportamentos do homem em suas respectivas sociedades e em diferentes épocas.

Nesse tema se dá um destaque especial para Claude Lévi-Strauss (1908-2009) com a sua proposta de estruturalismo, que levou à antropologia estrutural e à antropologia social. Esta, por sua vez, é divergente da antropologia cultural, por considerar que o conceito de sociedade é mais abrangente que o de cultura.

Como se pode perceber então, o conceito de cultura, no que diz respeito ao homem, tem evoluído e se constituiu em mais um objeto de estudo complexo e de grande relevância na contemporaneidade. Com isso, pode-se perceber quão complexa é a educação artística e cultural de uma nação, pois estão envolvidos aí princípios e valores éticos e morais, ou ainda a própria visão de mundo, a cosmovisão.

Falar de educação artística, por si só, não é fácil, pois o tema enseja diversas tendências e leituras distintas, que varrem praticamente todas as culturas do passado e também as contemporâneas. Aliado a esse pormenor, existe outro agravante que leva a tantos outros motivos de discussão e polêmicas, que é a leitura das artes e mais especificamente da educação artística de uma nação, sob uma avaliação que considera inegociáveis seus princípios e valores gerais, e, particularmente, os princípios e valores cristãos.

Para tanto, considerou-se também relevante no presente trabalho o tratamento de um outro conceito, diretamente ligado à transmissão de conhecimentos, pois, em qualquer atividade dentro do processo ensino-aprendizagem e independentemente de seu conteúdo, existe a troca de mensagens. Nesse caso, fala-se da linguagem.

LINGUAGEM

Falar sobre o conceito de linguagem é de extrema importância e necessidade para se atingir o objetivo aqui estabelecido, pois a avaliação prévia de cada conceito – e a consequente conclusão do trabalho – está diretamente relacionada com a comunicação entre as pessoas, a qual só é possível por meio do uso de linguagens, quaisquer que sejam elas. A educação, a arte e a cultura não existem sem linguagem ou ainda mais sem as diferentes linguagens.

Bühler (2020, p. 41) afirma que “a humanidade, desde que começou a pensar sobre o que é especificamente humano, pôs-se a refletir sobre a essência da linguagem” e ainda destaca:

Ao adentrar o campo da teoria da linguagem, encontramos dois problemas [...]: O primeiro é determinar o conteúdo completo e o caráter daquilo que pode ser apropriada e especificamente chamado de *observações* linguísticas; o segundo é fazer um relato sistemático das mais elevadas ideias reguladoras de *pesquisa*, que orientam e animam as induções características das ciências da linguagem.

Seja na educação, na arte ou na cultura, como afirma Bühler (2020), determinar o conteúdo completo a ser contemplado e o caráter do que pode ser chamado

de observações linguísticas é indispensável, pois nas três a comunicação é imprescindível e, por consequência, o uso de certa linguagem. Nesse sentido, buscou-se uma expressão que pudesse ampliar o conceito de linguagem e auxiliar na sua assimilação, por parte de estudiosos e pesquisadores que não podem prescindir desse saber.

De todas as fontes consultadas, a expressão mais adequada, encontrada para traduzir o significado de linguagem e tentar assimilar seu conceito no contexto do presente trabalho, foi a da Profa. Dra. Daisy de Brito Rezende, do Programa Interunidades em Ensino de Ciências da Universidade de São Paulo, utilizada em uma de suas aulas: “Linguagem é qualquer meio sistemático de comunicar ideias ou sentimentos por meio de signos convencionais, sonoros, gráficos, gestuais etc.”

Tal explicação é coerente com a proposta do presente trabalho, pois o ser humano utiliza diferentes linguagens para se comunicar, além de sua tradicional língua pátria. A matemática, por exemplo, é uma linguagem, pois, por meio dela, a partir do conceito moderno de ciência, surgido no final do século XVI e início do XVII, é possível ler qualitativa e quantitativamente a natureza, entender diversos fenômenos naturais. Os modelos matemáticos sustentam as ciências da natureza e as tecnologias, assim como diversas ciências humanas. Atribui-se a Galileu Galilei a famosa frase: “A matemática é o alfabeto com o qual Deus escreveu o Universo”.

As diferentes vertentes das artes também podem ser entendidas como linguagens, pois expressam de algum modo a mensagem que o respectivo autor de uma obra quis deixar aos que a contemplarem ou “lerem”. Pintura, escultura, música, dança, teatro, fotografia e cinematografia são alguns tipos de artes bastante difundidas e conhecidas pela humanidade há muito tempo, exceto as duas últimas, surgidas há menos de dois séculos. Por isso, quando se promove a educação artística, deve ficar claro, no mínimo, que qualquer arte tem uma mensagem produzida pelo autor e recebida pelo “leitor”. Esse ponto é muito importante, pois é nele que a tese defendida no presente trabalho se apoia, deixando-a como reflexão para outros pesquisadores, para que seja ainda mais explorada.

Diante da realidade vivenciada por meio das artes e com base nas linguagens utilizadas para divulgá-las, considera-se a liberdade de expressão algo necessário. Todavia, deve-se ter em mente que essa liberdade não concede ao autor a licitude absoluta, é preciso respeitar a dignidade do próximo. O apóstolo Paulo, ao escrever a primeira carta à Igreja de Corinto, quando se refere às depravações e imoralidades, afirma: “Todas as coisas me são lícitas, mas nem todas convêm. Todas as coisas me são lícitas, mas eu não me deixarei dominar por nenhuma delas” (1 Coríntios 6:12).

Baseado nessa orientação, diante de sua liberdade, o ser humano deve manifestar sua sabedoria e vigilância, uma vez que não é pelo fato de o sujeito ser

cristão que ele deva se abster de conhecer obras artísticas, ele não necessita privar-se da contemplação das artes, mesmo quando o tema exposto por meio de certa obra o escandalize. A simples contemplação não sugere necessariamente que a obra esteja sendo admirada num espírito lascivo. Se assim fosse, não se poderiam conhecer e contemplar algumas músicas, danças ou teatro grego e romano, em que a nudez e a sensualidade apareciam com grande destaque; não se poderiam conhecer e contemplar obras do toscano Michelangelo Buonarroti (1475-1564), como Davi, que aparece nu; ou as obras do napolitano Gian Lorenzo Bernini (1598-1680), que esculpiu *O rapto de Prosérpina*, numa interpretação do mito romano do rapto de Prosérpina, por Plutão, plagiado do mito grego do *O rapto de Perséfone por Hades*.

Várias esculturas gregas destacam enfaticamente a nudez, modelo que foi retomado durante o Renascimento pelos autores mencionados e outros como o florentino Sandro Botticelli (1445-1510), que pintou *O nascimento de Vênus*, e Ticiano, ou Tiziano Vecellio (1488-1576), que pintou *Adão e Eva*.

Enfim, a exploração do corpo, da nudez e da sensualidade ocorre há milênios. Tempos depois, aliam-se a essas artes a fotografia e a cinematografia, que também foram e ainda são usadas por alguns autores com esse viés. Todas essas manifestações ocorrem por meio de linguagens, cuja “leitura” deve ser feita pelo espectador, por aquele que contempla a obra, sem a necessária presença do autor, o qual, nos casos mencionados, nem se encontra mais há séculos.

Portanto, a partir dessas informações sobre os conceitos de ensino, educação, arte, cultura e linguagem, ficam então as seguintes indagações:

- Se essa arte não é problema, pode-se continuar a praticá-la e reproduzi-la, sem nenhum constrangimento, sob uma visão contemporânea, pois trata-se “apenas” de arte?
- As artes cabem na cosmovisão cristã, diante de seus preceitos, princípios e valores?

CONCLUSÃO

Mediante as informações colhidas e avaliadas na pesquisa bibliográfica feita para o presente trabalho, pesquisa entendida como o melhor caminho para se atingir o objetivo proposto, uma vez que as fontes existentes acerca do tema explorado estão essencialmente na literatura disponível, parte-se para a conclusão, a qual consiste basicamente nas respostas às indagações feitas anteriormente. Mas, para responder a essas indagações, julga-se de bom alvitre retomar novamente o conceito de linguagem, do autor e do receptor da mensagem

por ela passada, uma vez que é de grande valia a informação acerca da mensagem que o autor quis passar.

Certamente, por mais que se visualizem a nudez e o erotismo nas obras mencionadas, a mensagem produzida pelos respectivos autores não foi persuasiva para determinada prática de sensualidade ou erotismo, embora quem as visualize possa lê-las de acordo com sua percepção, e que pode não ser a mesma feita pelo autor. Nesse sentido, vale reiterar a orientação do apóstolo Paulo acerca da licitude da informação, ou seja, apesar de todas as mensagens recebidas podem ser lícitas, dentro das prerrogativas legais de seus autores, nem tudo é conveniente para o observador.

Como se destacou no início do trabalho, não se pode negligenciar o fato de que, ao receberem informações sobre a Palavra de Deus, nem todas as pessoas dão a mesma importância dada por um cristão. Além disso, princípios éticos e morais dizem respeito a uma cultura, e, por isso, certamente um judeu ou um muçulmano, mesmo sendo teístas, poderão não valorizar uma descrição bíblica referente ao Novo Testamento, ou seja, essas descrições lhes são lícitas, mas não são necessariamente convenientes a eles. Assim, as pessoas possuem autonomia para escolher e discernir as informações que são interessantes, agradáveis e adequadas aos seus princípios e valores.

Nesse ponto, reitera-se o título do trabalho, “Princípios cristãos na educação artística e cultural e a realidade do século XXI”, para não perder de vista as indagações feitas. A inquietação do cristão não deverá estar no estudo das artes, antigas, modernas ou contemporâneas, acerca da estética, ou técnica utilizada, para a produção de determinada obra, mas na mensagem que seu autor pretendeu enviar a quem a contemplatesse.

Reitera-se que a leitura é feita pelo receptor da mensagem, e seu discernimento e sua assimilação dependem só dele, mas, por trás de uma mensagem, apresentada com certa linguagem, no caso artística, existem objetivos.

Quando se adentra um templo da Igreja Católica Romana, por exemplo, e observam-se pinturas, gravuras ou esculturas sobre as 14 estações da via-sacra ou via-crúcis, que quer dizer “caminho da cruz”, com toda certeza, seu autor quis enviar uma mensagem visual, por meio de sua obra, que remetesse ao caminho percorrido por Jesus, desde o pretório do governador Pôncio Pilatos até o Monte Calvário, com cenas de seu sofrimento.

Quando alguém contempla a famosa obra do pintor espanhol Pablo Picasso (1881-1973), *Guernica*, pode fazer diferentes leituras e receber diversas mensagens, mas todos os historiadores e estudantes das artes sabem qual foi a mensagem que ele quis deixar. Num de seus pronunciamentos a respeito dessa obra, Picasso esclareceu tratar-se do legado deixado pela guerra civil espanhola e disse: “A civilização foi assassinada em Guernica”. Guernica é uma cidade basca, que foi totalmente arrasada pelos bombardeios do Exército nazista.

Existe uma passagem, considerada verídica, que relata uma resposta dada por Picasso a um certo oficial da *Schutzstaffel* (SS), polícia do Estado da Alemanha nazista, durante a exposição da obra em julho de 1937, quando este lhe perguntara com desprezo: “Quem pintou esse quadro, você?”. E Picasso teria respondido: “Eu não, quem pintou esse quadro foi você”. Como se vê, o artista quis passar sua mensagem. Por isso, destaca-se aqui que a inquietação não deverá estar na leitura que é feita pelo receptor, por aquele que contempla a obra, mas pelo seu autor, pelo autor da mensagem, pela linguagem por ele utilizada.

Na contemporaneidade atual, já na terceira década do século XXI, cada vez mais são apresentadas obras que não deixam de ser arte, pois são pinturas, gravuras, esculturas, músicas, peças de teatro ou de cinema, entre outras, mas que trazem mensagens autorais que conflitam com a cosmovisão cristã, ferem princípios e valores cristãos. Mensagens que se contrapõem à mensagem trazida pela Palavra de Deus. Por isso, existe o apelo à vigilância da parte do observador. É importante saber o que está entrando nos lares, nas escolas e nas igrejas. Entendendo-se que cada instituição tem sua identidade, pautada por princípios e valores bem definidos, que não podem ser aviltados, sob pena de descaracterizar-se a própria identidade, essa vigilância é indispensável.

Atualmente, a humanidade é assistida por inúmeros meios de comunicação, a quantidade de fontes informativas é muito grande, e não são apenas as artes que comunicam, que “falam”. Por isso, não convém ceder a nenhum dos extremos que estão postos, ou seja, nem aceitar a mensagem persuasiva, dogmática e ideológica, por meio das artes, camuflada de “liberdade de expressão artística”, e tampouco desqualificar totalmente as artes, por se entender que elas são nocivas à humanidade e que são utilizadas de forma inescrupulosa pelos seus autores.

Nenhum desses extremos convém à sociedade e mesmo, especificamente, ao cristão. De fato, a arte não é problema, pode-se continuar a praticá-la e reproduzi-la, sem nenhum constrangimento, sob uma visão contemporânea, mas deve-se ter discernimento compatível com os princípios e valores da cultura do sujeito.

As artes cabem perfeitamente na cosmovisão cristã, diante de seus preceitos, princípios e valores, desde que as mensagens enviadas pelos autores sejam compatíveis com essa cosmovisão. A conclusão da investigação desenvolvida no presente trabalho é a da necessidade de se desenvolverem projetos pedagógicos, em todos os níveis escolares, que contemplem a educação artística com um conteúdo teórico bastante fundamentado, que permita desenvolver diferentes formas de leitura, bem como de produção de obras, sem proselitismo por parte de autores ou de seus defensores.

Mediante essa cultura, será possível contemplar e discernir o conteúdo de determinadas obras publicadas pelos diferentes meios de comunicação, e não

afirmar precipitadamente que elas não são arte, isso é errado, pois certamente é arte, não há dúvida que se trata de arte. Havendo a formação de uma cultura consistente, independentemente de qual seja ela, o que se deve externar, portanto, não é essa negativa, a de reiterar que tais obras não são artísticas, mas dizer que essa arte não convém, que os princípios e valores defendidos pelo observador são incongruentes com essas mensagens.

Christian principles in arts and cultural education and the reality of the 21st century

ABSTRACT

The arts in general have existed for thousands of years and have developed according to the culture of each people or nation. From the most remote civilizations, there are many works considered art, by researchers from different areas of knowledge. Based on these highlights, the present work describes a brief walk taken throughout the history of Christianity, to support its objective, which is to show, from a bibliographical, exploratory, descriptive and explanatory research, the influence of the principles and values Christians in artistic and cultural education, over time, some conflicts occurred to have this influence in the past and specifically those of an ethical nature faced in the 21st century.

KEYWORDS

Culture. Art. Education.

REFERÊNCIAS

- BÍBLIA SAGRADA. Tradução João Ferreira de Almeida. Edição ARA – Almeida, Revista e Atualizada. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.
- BÜHLER, K. *Teoria da linguagem*. Campinas: Kirion, 2020.
- DUBY, G.; LACLOTTE, M. *História artística da Europa*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- FERNÁNDEZ, A. *A inteligência aprisionada: abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família*. Porto Alegre: Armed, 1991.
- KOSELLECK, R. *Histórias de conceitos: estudos sobre a semântica e a pragmática da linguagem política e social*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2020.
- NASCH, R. *Cosmovisões em conflito*. Brasília: Monergismo, 2012.
- SHELLEY, B. L. *História da cristianismo*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2018.
- WORLD POPULATION REVIEW. Religion by country 2022. Disponível em: <https://worldpopulationreview.com/country-rankings/religion-by-country>. Acesso em: 2 maio 2022.

Recebido em: agosto de 2022 **Aprovado em:** setembro 2022